Edição apoiada pela Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas / Portugal



SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

Índice

```
Primeira parte
Segunda parte
A boneca de Kokoschka
História de Anasztázia Varga
Adele Varga
Samuel Tóth
Terceira parte
Texto da orelha
Sobre o autor
Coleção Gira
Créditos
```



PRIMEIRA PARTE

A voz que vem da terra

Aos quarenta e dois anos, mais concretamente, dois dias depois do seu aniversário, Bonifaz Vogel começou a ouvir uma voz. A princípio, pensou que fossem os ratos. Depois, pensou chamar alguém para acabar com os bichos da madeira. Alguma coisa o impediu. Talvez o modo como a voz lho ordenara, com a autoridade das vozes que nos habitam mais profundamente. Sabia que aquilo acontecia dentro da sua cabeça, mas tinha a estranha sensação de que as palavras vinham do soalho, passando-lhe pelos pés. Vinham das profundezas e enchiam a loja de pássaros. Bonifaz Vogel usava sempre sandálias, mesmo no Inverno, e sentia as palavras deslizarem pelas unhas amareladas e pelos dedos encolhidos pelo esforço de sentir frases inteiras a baterem contra as plantas dos seus pés, a treparem-lhe pelas pernas brancas e ossudas e a ficarem retidas na cabeça graças ao chapéu. Experimentou várias vezes tirá-lo por uns segundos, mas sentia-se despido.

Os cabelos de Bonifaz Vogel, muito macios, estavam sempre penteados, muito brancos, cercados por um chapéu de feltro (que alternava com outro chapéu mais fresco, para usar no Verão).

Passava os dias sentado numa cadeira de palhinha que um tio lhe trouxera de Itália.

O duce sentou-se nela, tinha-lhe dito o tio.

No dia em que recebera a cadeira, de presente de aniversário, Bonifaz Vogel sentou-se nela e gostou, achou-a confortável, era uma boa peça de mobiliário, com uns pés fortes. Pegou nela, alçou-a por cima da cabeça e levou-a para a loja de pássaros. Um papagaio assobiou quando ele passou, e Vogel sorriu-lhe. Pousou a cadeira junto aos canários e sentou-se debaixo dos trinados, deixando-os preencherem a sua cabeça de espaços vazios. Quando os pássaros cantavam com mais intensidade, Bonifaz Vogel mantinha-se quieto, com medo de, ao levantar-se, bater com a cabeça nos trinados mais bonitos.

tinha medo de partir os trinados mais BONITOS.

Deixou a cabeça do amigo uma eternidade para trás

Isaac Dresner estava a brincar com o seu melhor amigo, Pearlman, quando um soldado alemão apareceu, entre uma esquina e uma bola à trave. O soldado trazia uma arma na mão e deu um tiro na cabeça de Pearlman. O rapaz caiu com a cara em cima da bota do pé direito de Isaac Dresner e, por uns segundos, o soldado olhou para ele. O homem estava nervoso e suava. Tinha a farda impecavelmente limpa, de uma cor muito próxima da morte, com insígnias pretas, douradas, brancas e vermelhas. O pescoço retilíneo, branco-amarelado, mostrava duas artérias azuis, perfeitamente nazis, que brilhavam com o suor. A cor dos olhos não era visível porque o soldado os tinha semicerrados. O tronco sólido mexia para cima e para baixo com uma respiração difícil. O homem apontou a arma a Isaac Dresner e esta, silenciosamente, não disparou: estava encravada. A cabeça de Pearlman rolou da bota de Isaac para o chão, para um ângulo impossível, abstrato, fazendo um estranho barulho ao bater na estrada. Um som quase inaudível, daqueles ensurdecedores.

Nos ouvidos de Isaac Dresner passava-se o seguinte:

- Respiração do soldado.
- 2 O som da Mauser a não disparar.
- 3 O som quase inaudível da cabeça do seu melhor amigo, Pearlman, a escorregar da sua bota direita e a bater no chão.

Isaac desatou a correr rua abaixo, com as suas pernas fininhas, deixando a cabeça do amigo para trás (uma eternidade para trás). O soldado voltou a apontar a arma e a disparar. Não acertou em Isaac, que corria com as suas botas encharcadas em sangue e memórias mortas. Três tiros assobiaram mesmo ao lado da alma de Isaac Dresner, mas bateram nas paredes do gueto.

A cabeça de Pearlman, apesar de ter ficado uma grande eternidade para trás, ficou para sempre presa ao pé direito de Isaac, através dessa corrente de ferro que prende uma pessoa a outra. Era esse o motivo por que coxeava ligeiramente e haveria de o fazer pela vida fora. Cinquenta anos depois, Isaac Dresner ainda puxaria o peso daquela cabeça longínqua com o seu pé direito.

Isaac continuou a correr, desviandose do destino que assobiava ao seu lado

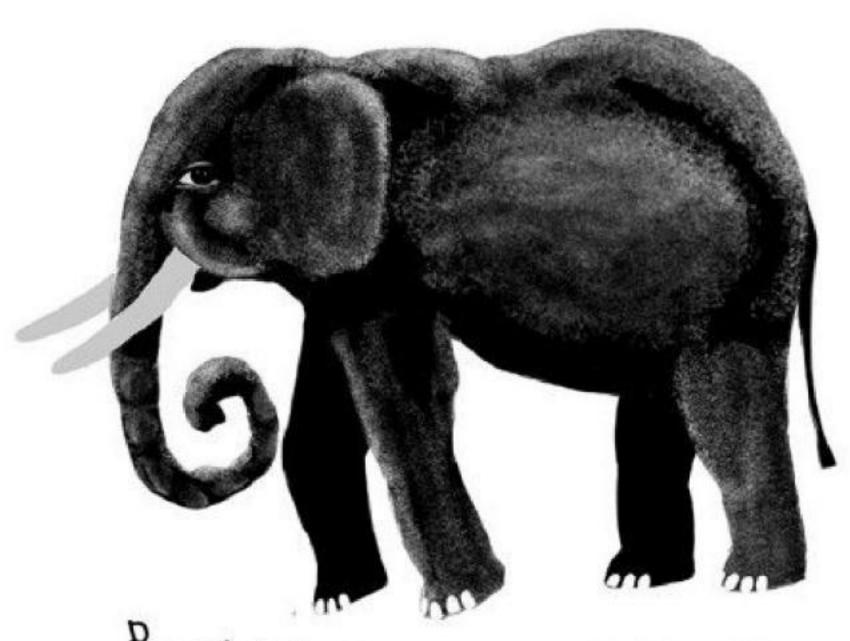
Isaac Dresner continuou a correr, desviando-se do destino que assobiava ao seu lado. Dobrou várias esquinas, deixando o soldado para trás, e entrou na loja de pássaros de Bonifaz Vogel. O seu pai construíra, uns anos antes, uma cave naquela loja. Isaac tinha-o acompanhado e vira aquele espaço escuro a crescer debaixo da terra. Então percebera que:

A construção de edifícios não se limita a tijolos empilhados e pedras e telhados, também são espaços vazios, o nada que cresce dentro das coisas como estômagos.

Ofegante, Isaac abriu o alçapão — sem que Bonifaz Vogel reparasse — e entrou como água pelo ralo. Ficou ali dois dias, saindo apenas à noite para beber água do bebedouro dos pássaros (não tinha visto a torneira, apesar de ser evidente) e comer alpista. Ao terceiro dia, não aguentava mais:

— Dê-me de comer, Sr. Vogel. E traga um penico.

Bonifaz Vogel, sentado na sua cadeira de palhinha, apurou o ouvido. Estava a ouvir vozes. Foi nesse momento que começou a ouvir vozes. O som entrava-lhe por entre as pernas e as calças e chegava-lhe aos ouvidos com um timbre de criança, como um gato quando o chamamos, aos ésses por entre as coisas. Isaac Dresner repetiu o pedido — da segunda vez era quase uma ordem — e Vogel levantouse para ir buscar comida. Isaac mandou-o pousar o tabuleiro junto ao balcão. Ficou contente quando, à noite, viu um prato de papas de aveia e alguns rebuçados. Também havia um penico.



Boni FAZ era Como um

CRISTAL



numa lojo de elefantes.

Bonifaz Vogel no meio da guerra, sentado numa cadeira de palhinha, era como um cristal numa loja de elefantes

O pequeno — invisível — judeu passou a viver naquela cave escura, debaixo do soalho, e passou a ser apenas uma voz. Bonifaz Vogel vivia com as palavras que ele lhe dizia através do chão da sua loja de pássaros.

Dizia-lhe: Sr. Vogel, ponha rebuçados no chão, junto ao balcão, debaixo da prateleira da alpista. E ele assim fazia. Baixava-se e, com cuidado, depositava uns rebuçados em cima de papel de embrulho no local indicado e pousava o penico devidamente lavado. Dizia uma prece, que era só um bichanar, sem palavras, com aquela intimidade das orações. E depois benzia-se, ficando uns segundos solenes a olhar para os rebuçados.

Um dia, tomou a iniciativa de juntar uns ossos de choco, dos que dava aos pássaros, mas a voz não gostou.

O horizonte mesmo do outro lado da rua

Bonifaz Vogel acordava sempre muito cedo e, com uma precisão maquinal, vestia-se, penteava-se e punha o chapéu. Andava sempre de chapéu: tinha um de feltro e outro de palhinha (para usar no Verão). Bonifaz Vogel costumava dizer que eram umas palhinhas como as da sua cadeira, aquela que servira de sustentáculo a um ditador. Comia um pouco de pão e bebia chá. De seguida, dirigia-se para a loja, usando o seu cabelo macio, todo branco como o peito de uma gaivota, levando as mãos nas algibeiras ou segurando os suspensórios cinzentos ou castanhos. Tirava o chaveiro do bolso de fora do casaco e abria a porta da rua, virando a placa que dizia FECHADO, transformando-a na placa que dizia ABERTO. Depois fazia uma saudação meio nazi, mesmo quando a rua estava deserta, mesmo quando a rua estava cheia. Procurava, no seu enorme chaveiro, a chave mais pequena, demasiado enferrujada, mas funcional, e abria o armário que servia para arrumar a esfregona e a lixívia. Atrás do balcão enchia um balde com água e começava a limpar a loja. Era uma atividade que lhe preenchia a manhã toda: lavava todas as gaiolas, o chão e as paredes. Fazia-o com devoção, como se fosse ele que estivesse a tomar banho. Limpava todas as pregas da loja, todas as axilas, as virilhas e os lugares mais escondidos. Parava algumas vezes para descansar e isso implicava sentar-se muito quieto debaixo dos trinados dos canários. Os seus olhos ficavam pendurados no horizonte, que era, para ele, mesmo do outro lado da rua.

Pássaros disfarçados

O Schwab é um aldrabão — acusou Isaac. — O que ele lhe vende,
 Sr. Vogel, são pardais pintados de amarelo. Não são canários.

Bonifaz Vogel encolheu os ombros. A sua cabeça, dissera-lhe um professor de Alemão, era composta de reticências cranianas. Isaac Dresner começou, a partir desse dia de pássaros pintados, a ajudá-lo a fazer os negócios.

Vogel, quando tinha dúvidas sobre o preço dos bengalins-dojapão, por exemplo, ia para trás do balcão, baixava-se (o cliente deixava de o ver) e, com o ouvido encostado ao soalho, sussurrava qualquer coisa como se falasse com alguém. Depois endireitava-se, sacudia o pó das calças e repetia com a sua voz o que a voz lhe tinha dito tão baixinho. As pessoas achavam esse comportamento normal, não esperavam outra coisa de Vogel, um homem cheio de reticências cranianas. Este dizia um preço e o cliente outro, depois, se fosse preciso, baixava-se mais uma vez, descia até ao soalho onde a voz se fazia ouvir pelas frestas do chão. Erguia-se de novo, sacudia o pó dos joelhos e, com um preço irrecusável, o negócio chegava ao fim. Enquanto o cliente se afastava, Vogel encostava-se à porta da loja, esfregando a orelha encarnada de ter estado encostada ao chão, visivelmente cansada de ouvir vozes. Depois, muito devagarinho, contava as notas que os pássaros lhe haviam rendido. Nunca se interrogara por que motivo, em tempo de guerra, havia pessoas a comprar bengalins.

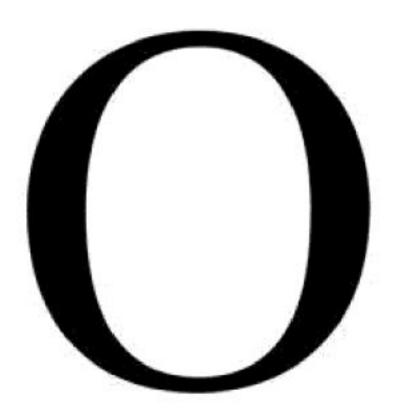
Reticencias Cranianas.



Porque suava, fazia calor

Isaac não compreendia Bonifaz Vogel: um homem maduro, proprietário de uma loja de pássaros e de quase três chapéus, que parecia uma criança, uma criança duvidosa. Isaac Dresner contava-lhe histórias do rabi Nachman de Breslov para ver se o educava, mas Bonifaz Vogel tinha uma cabeça composta de reticências cranianas. E era um homem sem futuro e sem passado. O tempo passava por ele como a água do banho. O passado e o futuro eram conceitos muito pouco lineares, não eram uma seta passado/futuro como para a maior parte de nós. Muitas vezes, quando Bonifaz Vogel suava, não era por causa do calor, mas sim porque estava calor. Isso faz toda a diferença. Outras vezes, não via relações causais nas coisas, mas simultaneidade. Outras ainda, via o tempo ao contrário, como uma camisa do avesso: dizia que fazia calor porque estava a suar. A causa do calor era o seu suor. A sua relação com o mundo e com o tempo podia ser vivida de três maneiras: a) suava quando fazia calor, sem qualquer relação causal, mas apenas simultaneidade, ou b) suava porque fazia calor (que é, aliás, o sistema que costumamos usar para interpretar os fenómenos que acontecem à nossa volta, uma explicação causa/efeito), ou, ainda, c) porque suava, fazia calor (uma maneira de ver as coisas que Aristóteles não aprovaria).

Bonifaz Vogel respirava sobretudo pela boca, e era esse o motivo pelo qual a tinha sempre aberta. Como a letra "o", ou melhor, como a letra "o" grande:



As pessoas diziam que ele era estúpido e ele concordava acenando com a cabeça e passando os dedos no queixo. Toda a gente à sua volta tinha razão e ele era uma ilha no meio daquela racionalidade, um hífen entre duas palavras, um elo perdido. No fundo, toda a evolução das espécies se sustenta em hífenes, em elos perdidos e achados. E Bonifaz Vogel era uma ilha sentada numa cadeira de palhinha onde o *duce* já se havia sentado.

O Universo é uma combinação de letras

A voz que Bonifaz Vogel ouvia vinda do chão, como plantinhas a crescer, contava muitas coisas. Isaac Dresner encostava a boca ao teto da cave e deixava que as frases mais gordas se apertassem pelas frestas da madeira do soalho e se alargassem pela loja de pássaros, se entrevassem no corpo de Bonifaz Vogel.

— Um mendigo — diziam as palavras que se espremiam através das frestas — era sempre atendido nas suas preces, e um rabino, ao ver que assim era, perguntou-lhe como é que ele fazia. Como era possível que todas as suas preces fossem atendidas? O mendigo disse-lhe, ao rabino, que não sabia ler nem escrever, por isso recitava o alfabeto, limitava-se a dizer as letras, umas a seguir às outras, e pedia ao Eterno que as organizasse da melhor maneira possível.

Bonifaz Vogel esfregava a orelha depois de cada história sem dar mostras de ter entendido, mas, a partir daquela anedota, passou a rezar só com letras, sem palavras e sem bichanar. As suas preces passaram a ser o alfabeto. Para melhorar os efeitos da oração, Isaac ensinara-lhe a dizer as vinte e duas letras hebraicas.

— É melhor falar a Adonai na sua própria língua — dizia-lhe Isaac Dresner —, que é, como todos sabem, o hebraico. Evitam-se traduções menos fiéis.

E aquelas vinte e duas letras era tudo o que era preciso, garantia Isaac debaixo do soalho. Deus faria o resto. Lá em cima, o que Ele faz é jogar *scrabble*. As pessoas dão-lhe umas letras, julgam que sabem o que querem, mas não sabem, e Deus, com aquelas peças, reorganiza tudo e faz novas palavras. Tudo se resume a um jogo de salão.

E Deus nem é um grande jogador, como se pode ver pelas bombas que caem lá fora.

Luftwaffe

Sentado na cadeira de palhinha, Bonifaz Vogel chorava algumas vezes. A sua família nunca fora muito grande, mas agora tinha desaparecido. Helmer, que era seu tio, Lutz, que era seu pai, Karl, que era seu primo, Anne, que era sua mãe, estavam todos mortos pelas bombas e agora era ele que tinha de tomar conta da loja de pássaros.

Anne Vogel era uma mulher completamente mãe, muito protetora. Bonifaz passava muitas horas parado, sentado com as costas direitas, com a boca aberta e com as mãos apoiadas nos joelhos, a ver a mãe tratar da casa. Anne Vogel tinha sempre o cabelo apanhado e um ar muito doce, como se não existissem guerras. Lutz Vogel, o pai de Bonifaz, tinha o ar oposto: de lábios e olhos cruéis e orelhas pequenas, canídeas no modo como saíam da cabeça, sem lóbulos nenhuns. Bonifaz gostava daquela cara marcial que coroava um corpo barrigudo, um corpo que gostava de cerveja de trigo e de dar pontapés aos familiares mais chegados.

Lutz Vogel explodiu — enquanto fumava um charuto no sofá da sala (no dia 7 de Outubro de 1944) —, juntamente com a mulher e o irmão. Tinham caído, nesse dia, cerca de setenta toneladas de bombas. Bonifaz não morreu nessa data porque não estava em casa, tal como o seu primo Karl, que também não sucumbiu sob o peso dessas bombas: Karl tinha morrido um ano antes, durante a Batalha de Estalinegrado.

O tio de Bonifaz, Helmer Vogel, era um homem grande, maior do que o irmão, mais barrigudo e com feições mais cruéis. Mas comportava-se de um modo completamente diferente, muito sentimental, muito delicado, chegando mesmo a gostar do sobrinho e a manifestar algum afecto por ele. Acontecia, com frequência, Helmer Vogel tirar o chapéu a Bonifaz e passar-lhe a mão pela cabeça. Um dia, chegou mesmo a dar-lhe uma cadeira.

Helmer (1903-1944) Anne (1874-1944) Lutz (1867-1944) Karl (1908-1943)

O seu gato gordo, que se chamava Luftwaffe, também não sobreviveu às explosões,

Luftwaffe (1935-1944)

o que foi uma grande perda para Vogel. Dormia sempre com ele e tinham uma relação de igual para igual. Por vezes, fazia-lhe carícias tão profundas que o gato gemia de dor. Bonifaz tinha vontade de o espremer, e isso nunca chegara a ser fatal porque Anne Vogel intervinha. Ele tinha momentos de grande emoção, comoção, que envolviam pessoas que o circundavam ou gatos ou amigos ou visitas. Agarrava Luftwaffe com as mãos silenciosas e abraçava-o com todo o seu corpo alemão. O gato tentava fugir, mostrando unhas e dentes, até a mãe de Bonifaz o salvar daquele afecto todo. Anne Vogel dizia-lhe para ter cuidado: os afectos magoam muito. Os outros morrem, mas quem sofre somos nós.

Quando o prédio onde vivia com a sua família explodiu, Bonifaz mudou-se para o andar por cima da loja de pássaros. Um pequeno apartamento, perfeitamente funcional, que servia de escritório. A mãe de Bonifaz tinha toda a razão.



Bonifaz Vogel vivia no meio de metáforas

Numa loja de pássaros é onde se concentram mais gaiolas. Não há lugar nenhum no mundo construído com tantas restrições como uma loja de pássaros. São gaiolas por todo o lado. E algumas estão dentro dos pássaros e não por fora, como as pessoas imaginam. Porque Bonifaz Vogel, muitas vezes, abrira as portas das gaiolas sem que os canários fugissem. Os pássaros ficavam encolhidos a um canto, tentando evitar olhar para aquela porta aberta, desviavam os olhos da liberdade, que é uma das portas mais assustadoras. Só se sentiam livres dentro de uma prisão. A gaiola estava dentro deles. A outra, a de metal ou madeira, era apenas uma metáfora. Bonifaz Vogel vivia no meio de metáforas.

Vogel ficava a olhar para aquelas aves e pensava na família que tinha explodido juntamente com os tapetes persas da sala e o relógio de cuco. Onde estariam agora? Isaac Dresner, debaixo do chão de madeira da sua cave, falava de Deus, e Bonifaz Vogel não compreendia por que motivo haveria Deus de querer o seu primo Karl perto d'Ele. E Isaac Dresner também não sabia explicar o relógio de cuco. Se uns vão não sei para onde, para onde vão os relógios suíços?

As lágrimas caíam-lhe pelas caras que fazia em cima da cadeira de palhinha e a voz subia-lhe pelas pernas contando-lhe a história do mendigo que rezava o alfabeto.

Bonifaz Vogel rezava assim:

Alef, bet, gimel, dalet, he, vav, zayin, het, tet, yod, kaf, lamed, mem, nun, samekh, ayin, pe, tsadi, qof, resh, shin, tav. Ámen.

Baloiçava o corpo de trás para a frente e só parava quando um cliente lhe tocava no ombro perguntando o preço das catatuas. Bonifaz Vogel, mesmo assim, recitava o alfabeto até ao fim, não fosse Deus sentir falta de certas letras. A seguir dizia o preço das catatuas. O cliente regateava e ele baixava-se, encostava o ouvido ao chão de madeira, por trás do balcão, e escutava aquela voz. Parecia que Vogel se prostrava de uma forma distorcida, levantando-se de seguida com

uma contraproposta enquanto sacudia o pó dos joelhos. Mesmo entre bombas, havia quem quisesse catatuas.



Moisés era todas as mães

Sempre que contava o *Êxodo*, Isaac pensava noutra interpretação da morte de Moisés:

Moisés é como a minha mãe. Morreu antes de ver a Terra Prometida, morreu antes de me ver crescer e dar frutos. Agora estou debaixo da terra como as sementes, mas um dia hei-de florir. Lembrome muito bem dos seus olhos todos feitos de lágrimas, a olharem para mim através daquela dor tão grave que era saber que não iam ver a coisa mais bonita do mundo a crescer, que sou eu. Mas o que é que se pode fazer contra a febre tifoide? E é esta a história de Moisés. Moisés era todas as mães.

O sorriso de um filho encaixa em que articulação?

E há as memórias, estilhaçadas, espetadas contra as paredes, sentimentos que são mais difíceis de interpretar do que braços. Um braço esquerdo é um braço esquerdo, mas o sentimento é esquivo. O sorriso de um filho encaixa em que articulação?, perguntará Deus a refazer o Homem para a ressurreição. Há memórias que não cabem no corpo. O sorriso de um filho é uma peça de um *puzzle* maior do que o *puzzle* a que pertence. E Dresden era peças, não só de cimento e ossos, mas de almas, uma confusão de matéria e espírito, uma sopa muito pouco cartesiana.

 — Dresden é um puzzle — disse Isaac Dresner — feito de infinitos estilhaços, peças incontáveis.

Vemos o mundo de dentro de um aquário. Nunca vemos o mar, pensava Tsilia. Mas isso é porque vivemos em Dresden. Tsilia pretendia comprar um fato de banho azul para se camuflar nas águas do mar. Tudo azul como um céu pesado, caído por terra. Nadaria nesse céu grave e salgado, um céu que caiu por terra. Diz a Torá que havia duas águas, uma em cima e outra em baixo. Dois mares: um leve, feito de ar, outro pesado, feito de água. Por cima estava o fogo. E em Dresden o fogo estava por todo o lado.

Levantou-se do banco de pedra onde se sentara envolta pela calamidade e recomeçou a andar. Desceu umas escadas até ao rio e reparou numa reentrância por trás de um arbusto. Afastou as folhas e entrou nesse espaço apertado. Deitou-se e adormeceu quase de imediato.

A meio da noite, foi acordada por um rapaz de dezasseis anos chamado Mathias Popa. Tinha uma Luger na mão. Tsilia recuou contra a parede, espremendo-se naquele espaço.

— Chiu — disse ele.

E deitou-se ao lado dela. Ficaram assim, despertos, sem dizerem uma palavra até o dia acordar. Durante a manhã agarraram-se sofregamente, nus, mais por fastio do que por qualquer tipo de paixão que a circunstância pudesse ter induzido. Nunca disseram mais do que gemidos, como se fossem mudos. As bocas abertas (como "Os" grandes) arquejavam, mas não tinham palavras para dizer. Quando a noite chegou, Mathias Popa foi-se embora. As bombas continuavam a cair.



SEGUNDA PARTE

FAREMOS DAS NOSSAS CARNES UMA SÓ TERRA

— Sempre me perguntei quem sepultará o último homem — disse o meu avô ao meu pai — ou, se quiseres, e neste caso, quem sepultará o coveiro. Tu, é claro. Não és coveiro, mas sepultar-me-ás na mesma terra da tua mãe, que morreu quando tu respiraste pela primeira vez, há quase três vezes sete anos. A terra dela misturar-se-á com a minha como já aconteceu em vida, faremos das nossas carnes uma só terra.

Quando o meu avô morreu, o meu pai fez-lhe a vontade e eles misturaram-se para sempre.

EIS O QUE TSILIA PENSA SOBRE ISSO DAS MONSTRUOSIDADES:

parece-me assustadora, disse-me experiência Tsilia: Esta sobrepuseram as fotografias de todos os alunos de uma escola e, destas imagens, fez-se uma média. E dessa média surgiu uma cara que era o cânone grego. Até a turba tem cânone, e, no entanto, de onde vem a monstruosidade que vemos por aí? Ouvi, há muito tempo, uma experiência curiosa sobre aquela composição de Piet Mondrian, uma daquelas com quadrados, não me lembro do título. Pediu-se a alunos de Belas Artes que pintassem um quadro, o mais parecido que conseguissem com a obra de Mondrian. No final, expôs-se o resultado (algumas dezenas de retângulos coloridos, imitações do verdadeiro) juntamente com o original, mas sem que nenhum deles estivesse identificado. Aos visitantes, foi-lhes pedido que escolhessem o quadro que achassem mais harmonioso. O de Mondrian, cheio de retângulos de ouro e divinas proporções, foi o eleito da maioria. Uma percentagem muito alta escolheu a obra original. Isto revela que o Homem não só é composto de divinas proporções como as reconhece quando as vê, mesmo um homem sem cultura visual ou mesmo sem cultura nenhuma. E, se o que é harmonioso e proporcionado é fácil de reconhecer, donde vem essa atroz desproporção que vemos no mundo?

A história de Tsilia Kacev

Tsilia Kacev era judia, de uma família conservadora e com algum dinheiro. Aos treze anos, na sinagoga, começou a reparar numa mancha vermelha na mão esquerda, uma mancha que aparecia na mão em vez de aparecer nas cuecas, como acontecia com as amigas da mesma idade. Limpou o sangue a um lenço, mas a ferida não fechava. Não se lembrava de se ter magoado ou de algo que pudesse justificar aquele sangue. Embrulhou a mão no lenço e tentou disfarçar o melhor que pôde. Quando chegou a casa, alegou uma dor de cabeça e fechouse no quarto. Acordou umas horas depois e, ao espelho, percebeu que tinha sangue na testa. A princípio, julgou ser da mão, talvez a tivesse passado pela cabeça, mas depressa percebeu que tinha uma chaga numa linha paralela às suas sobrancelhas. A mão direita também sangrava como a outra. Horrorizada, deixou-se cair de joelhos e a mãe encontrou-a assim, no outro dia pela manhã. Gritou ao ver a filha ali caída com sangue na cara e nas mãos, mas imediatamente se apercebeu do sucedido e das implicações que aquilo teria junto dos amigos, de toda a comunidade judaica de Minsk. As duas passaram as esconder as "crises" (como lhes chamavam) o melhor que podiam e sabiam. Tsilia deixou crescer uma franja e usava, sempre que podia, lenços, indisposições, chapéus, luvas, dores de cabeça, quebras de tensão e coisas de mulheres. Passava uns dias recolhida quando as crises eram mais violentas. O pai nunca desconfiou de nada. Era um homem austero que deixava a educação das mulheres a cargo das mulheres. Usava o cabelo penteado para trás, extremamente penteado para trás, bem como a alma. Mas, quando Tsilia fez dezasseis anos, o pai, que era um grande homem de negócios, decidiu que estava na altura de casar a filha. Toda a sua atitude transpirava aquele formato da sua alma: uma alma completamente penteada para trás.

O homem escolhido para genro era um jovem advogado, ambicioso, admirado sobretudo pela elegância com que enriquecia e pela capacidade com que era capaz de fazer perguntas. A mãe e a filha tentaram resistir aos planos do pai, mas ele mostrou-se inflexível. Tsilia, que já não aguentava mais a pressão, fugiu de casa e nunca mais voltou.

Os primeiros anos não foram fáceis. Depois de tentar suicidar-se atirando-se para o Rio Svislach (Tsilia não sabia nadar), foi salva por

Humilhados & Ofendidos

Tsilia pintava vários ângulos da realidade na mesma imagem, sobrepostos em camadas de tinta como ódios acumulados. Uma pessoa aparecia com o lado esquerdo sobreposto ao direito, a parte de cima à parte de baixo, como se dançasse de todos os ângulos possíveis, até daqueles que não se veem, porque o lado esquerdo de uma pessoa é diferente do seu próprio lado esquerdo conforme o seu estado de espírito. Tsilia era capaz de juntar o que o cubismo e o expressionismo, juntos, jamais seriam capazes. E só usava tintas e um pouco de si mesma. A visão de uma pessoa de todas as perspectivas possíveis assemelha-se ao modo como o Eterno nos vê, dizia Isaac quando olhava para os quadros de Tsilia.

Acima de tudo, estas perspectivas todas davam bastante dinheiro. Isaac pôde passar a vida a desenvolver um negócio falhado, alimentado a prejuízos:

Tenho uma livraria de almas mortas — costumava dizer Isaac
 Dresner. — Um Hades feito de papel. A minha livraria é como
 Dresden: almas mortas.

A sua pequena loja ficava num segundo andar de uma rua do septième arrondissement. Um letreiro ostentava o nome da livraria: Humilhados & Ofendidos. Isaac também perdia dinheiro com uma pequena editora chamada Eurídice! Eurídice!, uma empresa que mantinha um volume de vendas próximo do desespero. Os livros ignorados, que Isaac se esforçava por vender, continuavam obscuros num segundo andar encarquilhado pela humilhação.

qualquer expressão. Conseguiu algumas críticas importantes, mas nunca foram, nem ao de leve, positivas. Curiosamente, uma das recensões mais amargas, para ver o ridículo, acusava o autor de copiar o estilo de Herman Hesse. Depois de tanto investimento, a conclusão era óbvia: o público continuava a ignorá-lo como sempre havia feito. Nessa altura, ainda com algumas posses, Popa teve uma ideia. Se escrevesse um livro confessando a verdade, seria um sucesso. Imagine-se o escândalo, por um lado. Por outro, sabendo que O livro do êxodo era, na verdade, de Thomas Mann, faria com que as vendas disparassem, as vendas de ambos os livros. Mathias Popa veria, finalmente, compensados os seus esforços, mesmo que tivesse de passar o resto dos dias na prisão. Mas isso pouco lhe importava. Assim, Popa escreveu a história da sua vida, escreveu como roubou o manuscrito de Thomas Mann e o publicou como sendo seu. Ainda possuía algum dinheiro da venda da casa, por isso investiu o que lhe restava. O livro não era mau. Mas o público, sabe como é, ignorou-o. Tem aqui um exemplar.

Omerovic entregou o livro a Isaac Dresner. Os olhos deste brilhavam.

- Será que posso contactar o autor?
- O livreiro pegou num cartão e entregou-o a Isaac.
- Aqui tem a morada de Mathias Popa. É um homem antigo, com as suas manias, mas saberá apreciar o seu esforço.
- Acho que vamos fazer negócio. Mas diga-me, Sr. Omerovic, como posso ter a certeza de que a história do manuscrito de Thomas Mann é verdadeira? Ele poderia ter inventado esse episódio para vender os livros.
- Claro, mas é nessa incerteza que reside toda a beleza destas duas obras.

num acordeão, uma melodia simples numa rua de Tirana. Enquanto isso, em perfeita harmonia, uma chinesa tocava piano num salão de Moscovo. Um bluesman em Nova Iorque tocava a base rítmica no contrabaixo. No Brasil, em Corumbá, um solista tocava uma segunda harmonia na trompete. Uma empregada doméstica, em Viena, trauteava uma ária que encaixava na perfeição naquela música. E assim pelo mundo todo. Os músicos iam mudando, a melodia ia mudando, tornando-se na maior, na mais complexa, na mais bela composição jamais tocada. Nunca se tinham encontrado, não sabiam da existência uns dos outros nem jamais imaginariam que aquilo que tocavam fazia parte de um todo muito maior. Descrevi milhares de pessoas distribuídas por centenas de páginas. Falava um pouco das suas vidas, da sua geografia, e depois descrevia minuciosamente a sua contribuição para o conjunto melódico. Era um livro que se passava em sete minutos, que era a duração daquela música. Nessa narrativa, só Deus conhecia a melodia toda, mas, na vida real, quem ouvia aquilo era eu. Era eu que fazia aquela gente toda tocar e ouvia, na minha cabeça, toda a composição com aquela complexa orquestração. Eu sou músico, sabe?, sempre fui. Mesmo antes de saber tocar qualquer instrumento. Todos os meus livros são peças musicais, só que com letras. No fundo, é a mesma coisa. Julga que eu não seria capaz de ouvir os milhares de músicos que criei, todos a tocarem ao mesmo tempo? Engana-se. Ouço aquilo tudo. Tudo.

- O que aconteceu a esse livro?
- Creio que Thomas Mann mo roubou e escreveu o Fausto. Estou a brincar. Um dia, depois de ter recebido todas as cartas de rejeição do mundo, atirei aquilo para a lareira. Nunca ouvi uma composição tão quente como aquela.
 - E nunca fez carreira como músico?
- Fiz. Toquei violino com o Ray Brown e sax com o Chet Baker, para lhe dar alguns nomes com que se entreter, mas a minha vida estava noutro lugar. Eu gostava mesmo era de ser poeta. Tocava bêbedo e mesmo assim era melhor do que aqueles virtuosos todos. Mas não tinha empenho. Não me interessava. O Sr. Dresner não sabe o que é ter um dom deste tamanho. Quando um copo se parte, eu sei em que nota é que isso aconteceu. Mas, na música, nunca tive ambição nenhuma. Entendo-a de trás para a frente e, talvez por isso, ela não exerça fascínio nenhum sobre mim. Para ser franco, sempre

Dentro dos pássaros está muito escuro

Isaac Dresner dormiu como uma pedra atirada para o mar, acordando enérgico e com vontade de comer vários *croissants*. Comeu dois.

- Os pássaros comem sementes disse Bonifaz Vogel quando entrou na cozinha. — Não percebo porque não crescem árvores dentro deles.
- Acho que os vegetais precisam de luz para crescer e dentro dos pássaros está muito escuro. E dentro dos homens ainda está mais escuro.
- Eu, quando fecho os olhos, vejo luzes. Se está escuro, de onde vêm essas luzes? Quando sonho está tudo iluminado, ou então não se veria nada. De onde vem essa luz, Isaac, de onde vem essa luz?

Vogel tinha uma mancha de urina nas calças. Vinha sempre assim da casa de banho. Não era capaz de sacudir com eficiência ou paciência. Isaac pegou nele, com os seus dedos amarelos de nicotina, e obrigou-o a voltar à casa de banho.

- Ando triste por causa da condessa.
- Sr. Vogel, se não estiver contente com o rumo das coisas disse Isaac —, só tem de fazer uma coisa muito simples: juntar os dois pés, concentrar-se e dar um pequeno pulo na vertical. Quando os seus pés tocarem o chão outra vez, a realidade do chão, quando deixarem esse momento celeste que é o salto, quando tocarem o chão, dizia eu, provocará um pequeno tremor que abalará a direção do Universo. Se ia em determinado sentido, sentido que, por certo, não lhe agrada, basta pular para ver mudar o rumo. Mas, porque o tremor é muito pequeno, os efeitos não se notam de imediato, no entanto, se pudesse olhar para o futuro, veria como foi diferente daquele futuro em que não pulou. A vida é feita destes saltinhos.
 - Já saltei, Isaac, e não acontece nada.
- É preciso paciência, Sr. Vogel, paciência. Sacuda bem para não pingar nas calças. Isso.
- Já não sou novo, Isaac, há umas partes do meu corpo que até são velhas. Amo tanto a condessa.
- Vê-se logo que não percebe nada de destinos e coisas dessas. Já reparou que, quando chama um gato (lembra-se do Luftwaffe, Sr.

quando a olho, é um trinado canoro.

Com esta carta, caríssima condessa dos meus olhos, quero apenas mostrar-lhe quanto se pode ser amado. O amor não é infinito como dizem os poetas. Nem o meu é infinito, quanto mais o das outras pessoas. O que é infinito é o objeto do nosso amor finito. A condessa, para mim, é que é o infinito. Eu sou apenas alguém que sabe contemplar o horizonte que é a madame.

Com amor, Bonifaz Vogel

— Sim, mas ele não interessa muito para a história. Nem é dos meus preferidos. Desse tempo, gosto muito mais de Schiele e até do outro, de Klimt. Mas o que importa é a boneca fabricada por Hermine Moos, a boneca que Kokoschka mandou construir. Isso é que mudou o Universo, mas, acima de tudo, a minha vida. Mas conto-lhe mais coisas para a semana. Vá almoçar comigo à pizaria.



MATHIAS POPA
nasceu em Dresden.
É um músico excepcional
que tocou com grandes
nomes do jazz. Este é
o seu terceiro livro. Foi
autor das obras
O livro do êxodo e A
confissão de um ladrão.
Vive em Paris em constante
desespero. A sua única
companhia são pizas
e vinho tinto.

um micróbio devastador alojado nos nossos órgãos. Fugimos do que está fora, correndo com o inimigo dentro do corpo. Por vezes, sobrevivemos a um holocausto para sermos tolhidos por um estreptococo beta-hemolítico do grupo A.

Capítulo

— 3 **—**

A propriedade dos Varga tinha, junto à rua, uma bela casa, com

um terreno bastante grande — considerando que estamos a falar do centro de uma cidade — cheio de árvores de fruto e ornamentais, ervas aromáticas e muros de pedra. A casa fora projetada pelo arquiteto húngaro Imre Lakatos e tinha sete andares. Era uma cópia perfeita de outra que o milionário havia mandado construir em Budapeste. Nessas duas casas, primeiro em Budapeste, depois em Dresden, viveram, até ao eclodir da guerra, os filhos legítimos de Zsigmond Varga. Anasztázia nasceu em Dresden e nunca conheceu a cópia húngara da casa. Também nunca conheceu a sua irmã mais velha, chamada Lujza, que fora renegada e expulsa do lar devido a uma paixão proibida.

Eduwa vivia feliz por ali. Todos os dias colhia flores que deixava junto ao quarto de Anasztázia. Ela usava-o como confidente e ele permanecia calado, apenas ouvindo. Anasztázia contava-lhe sobre os seus temores, sobre os seus amores, sobre roupas, sobre indecisões, e Eduwa ouvia, calado, com o seu corpo profundo, as suas mãos abissais e o seu silêncio longínquo. Ela encostava a cabecinha ao ombro do gigante e ele ficava com os olhos molhados. Quando ela suspirava, ele fungava mexendo as pernas de nervoso. Ela passava-lhe a mão pela cara envelhecida pela infelicidade (que envelhece muito mais do que o tempo) e ele comovia-se ainda mais, sentindo a sua pele negra aquecer como se houvesse sol a brilhar sobre si.

Eduwa viveu feliz durante alguns meses, até alguém contar a Zsigmond Varga que a sua filha Anasztázia tinha uma relação íntima com o jardineiro. A relação era de pai para filha e vice-versa, conversava um pouco com ele, dava-lhe comida, sorria-lhe, e muito pouco além disto. A comida que Eduwa recebia de Anasztázia, partilhava-a com todos os outros que trabalhavam na propriedade. Evidentemente, foi uma destas pessoas, que tantas vezes comia o pão de Eduwa, que deixou um bilhete a Zsigmond Varga denunciando as

Varga e anunciar, ele próprio, o óbito, mas não conseguiu localizar nem uma nem outra das filhas legítimas do milionário. Acabou por ser o advogado da família a encontrar Lujza e Anasztázia. A primeira foi descoberta num cemitério de Munique, morta há mais de dez anos. A segunda continuou as suas viagens durante dois anos e meio sem saber da morte do pai. Escrevera uma única carta durante todo aquele tempo, ainda o pai estava vivo. O advogado acabou por conseguir contactá-la no Hotel Lagos, em Daomé. Ela não pareceu importar-se com a notícia, pois continuou a viajar durante meses e nunca mais voltou a Dresden. Com algum jeito, parte da herança de Varga foi recebida por Anasztázia, mas apenas o possível: algum dinheiro de vendas, algum dinheiro no banco, algumas propriedades em Paris, Estrasburgo, Francoforte e Nuremberga.

deixar viver uma vida de tédio com toda a banalidade que lhe é exigida. Anasztázia Varga continuava a suspirar, passados aqueles anos todos, por Mathias Popa. Estava a morrer e o seu único prazer era aquele nome a descair dos seus lábios como fruta madura, como desespero maduro.

Adele subiu as escadas luminosas que davam para o escritório

de Filip Marlov. A decoração era tão ridícula que nem num hotel de cinco estrelas ficaria bem. Adele sentou-se numa sala de espera com televisão e revistas desatualizadas. Parecia estar à espera do dentista. A secretária era uma mulher de cerca de quarenta anos, com óculos de massa e cabelo pintado de amarelo. Tinha, junto aos olhos, umas rugas descaídas que não a favoreciam. Os brincos dourados alongavam-na em excessos de decoração.

 Pode entrar. O Sr. Marlov já a pode atender — disse ela, entrando pela sala sem parar de limar as unhas.

Adele Varga entrou no escritório e sentou-se. Filip Marlov cumprimentou-a, levantando-se com uma ligeira vénia.

- Então? perguntou Adele ao seu estilo direto no queixo.
- Encontrei este livro dessa editora, da Kenoma & Pleroma, Lda.

Adele pegou no livro. Tinha uma imagem da Criação do Universo, o logótipo da editora, o nome do autor em letras negras, Joaquim Hrabe, e o livro intitulava-se *Tzimtzum!*

- Não foi fácil arranjar um exemplar. Não é a minha especialidade, encontrar objetos desses.
- Livros disse Adele enquanto folheava Tzimtzum! É o nome que se dá a objetos desses.
- Isso. Como dizia, não sou especialista. Comecei por falar com alguém que se move bem nesses meios e que me pôs em contacto com outra pessoa que, por sua vez, me deu um telefone de...
- Sim, já percebi a ideia. E, além deste livro, o que é que descobriu?
- Não encontrei nada. Procurei livros dessa editora porque não consegui encontrar qualquer informação relevante sobre ela. Não parece ter existência física. Encontrei algumas moradas relativas a eventos, mas nada mais do que isso. Contactando os responsáveis pelos locais onde a editora andou, ninguém me soube adiantar nada

perfume e mais um cheque. As suas pernas finas, modeladas como chuva a cair, davam-lhe um ar extremamente decidido. Quando se levantava e caminhava com a sua magreza, o seu nariz fino e um penteado resoluto, não deixava de impressionar quem a olhasse. A tensão com que arqueava as sobrancelhas, como se todos fossem apenas seus inimigos, deixava uma marca sólida no ar, uma sensação de força. Adele era muito magra, baixa, mas dava a sensação de ser um arranha-céus com uma minissaia de cabedal. Filip Marlov não conseguiu reprimir um estalo da língua.

lhe fizeram. Qual era o objetivo?

— Não lhe sei responder muito bem, porque quando vi o cheque deixei de fazer perguntas. Por que raio de motivo haveriam de me pagar aquela quantia despudorada apenas para escrever um livro sobre vidas de pessoas e depois escrever mais livros atribuídos a algumas dessas pessoas? Pensei nisto durante anos, não julgue que não, mas a única conclusão a que cheguei é que rendeu bastante dinheiro. Portanto, escrevi o livro As reencarnações de Pitágoras e depois fui intimado, digamos assim, a escrever livros supostamente escritos por personagens daquele livro. Escrevi três que foram publicados por editoras diferentes, ou por marcas da mesma, com a autoria atribuída às personagens que havia criado para o livro As reencarnações de Pitágoras. Isso deu uma confusão no mundo académico que você nem sonha. Andei em tribunais e tudo. Mas eu não tinha aprendido, pois ainda escrevi um livro maior do que As reencarnações de Pitágoras. Nem imagina como tudo isso me consumiu. Doía-me a imaginação de tantas páginas escritas. Mas cada vez me eram exigidas mais coisas, e eu percebi que aquilo não era para mim. Acho que o tal homem tentava fazer-me compreender qualquer coisa profunda, mas a minha mente obstinava-se em não o compreender. Ele falava em paz e dizia uma frase, daquelas sentimentais, que a sabedoria traz sempre concórdia. Paz, dizia ele. Só faltava falar-me em amor. Eu sempre fui um escritor de subterrâneos, amigo de ratos e baratas, a minha escrita sempre viveu de coisas escuras e de vãos de escada. Isso de paz e de amor são coisas que eu sempre evitei. Eu não sou estúpido nenhum, Mlle. Varga, mas juro que não compreendia aquilo. Chegou a pedir-me que criasse boatos e os fizesse circular. Boatos sobre as tais personagens criadas por mim. Imagine: quando escrevia para um jornal, deveria introduzir um escândalo protagonizado por uma pessoa imaginada por mim. Como se fosse verdade. Tudo isto me confundia. Ele fartava-se de dar-me motivos, mas aquilo parecia mais uma religião do que uma profissão. Começou a arrepiar-me. O tipo coxeava e tudo. Enfim, um dia, quando o homem me apareceu com mais pedidos extravagantes, mandei-o enfiar no cu o cheque que ele trazia. Não queria saber daquilo, estava farto e assustado. A verdade é que tinha acumulado dinheiro suficiente para poder mandar enfiar cheques em buracos obscuros ou em vãos de escadas. Mas nem imagina o alívio que senti.